Ann I | Lisboa, 27 de junho 1896 | Numero 18

Caricaturas de Celso Herminio—Chronica de João Chagas

Reproducção do n.º 18, apprehendido pela policia

ACTUALIDADES

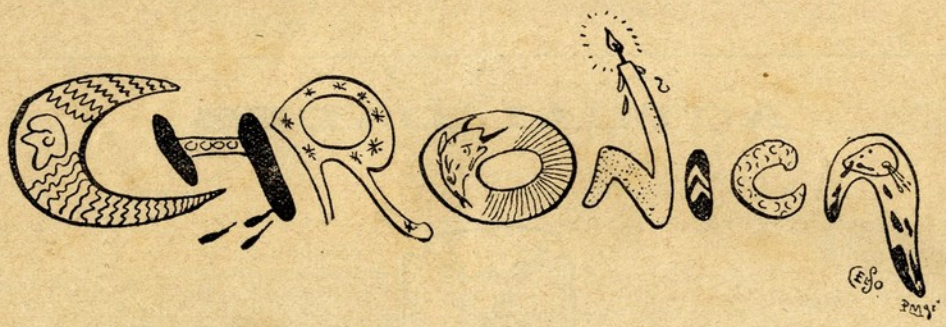
As joias da corôa de Inglaterra

O BERRO

Tendo sido apprehendido pela policia o ultimo numero do *Berro*, em virtude do regimen especial de imprensa, instituido durante a permanencia da esquadra ingleza em Lisboa, foi a publicação d'este semanario interrompida por alguns dias. Havendo-se retirado a mesma esquadra e tendo cessado por esse motivo o exercicio da censura previa, reapparece o *Berro* e. para não prejudicar os seus leitores e não crear uma lacuna na ordem da sua publicação, reedita o n.º 18, apprehendido, com o mesmo texto e as mesmas estampas.

A Inglaterra já não está. Desappareceu o perigo. A opinião pode apparecer.

Diziamos nós:



A Inglaterra acha-se mais uma vez em Portugal sellando com um allemão introduzido á força na historia portugueza e alguns aventureiros d'alma internacional, a sua velha tutella sobre o paiz.

A sua esquadra é visitada, em sua honra dão-se festas, uma imprensa de alabardeiros celebra-lhe o poder, para um jantar n'um palacio regio ousa-se convocar a marinha de guerra.

Uma ou outra voz, porém, se poderia fazer ouvir perturbando a paz de semelhante jubileo. Essa eventualidade foi prevista e um intendente de policia—especie de Pina Manique dos nossos dias—já advertiu a estas horas os escriptóres portuguezes que ainda não venderam a sua penna, de que urgia calarem-se.

N'estas condições, é possivel que os inglezes que vieram a Lisboa pôr mais uma vez á prova a tempera dos nossos homens de governo, fiquem convencidos de que o Portugal d'hoje continúa a ser o velho Portugal dos Braganças, e que o representante do governo britannico n'esta côrte manda, como lord Tirawley, como Stwart, dizer para o seu paiz que este é ainda o melhor condado de Inglaterra.

Comtudo, não é assim.

O Portugal d'hoje mudou. Não mudou ainda de governos, o que é lamentavel, mas mudou de caracter, é que é essencial. Vive como outr'ora sob um regimen de servidão, mas já não é um servo. Não o já um povo d'escravos, a «pobre patria d'escravos» de que fallava Byron, mas um povo de opprimidos, o que é differente.

Como todo o povo que aspira á Liberdade, Portugal tem odios, odios sem representação publica é certo, sem clamor, sem orgãos, sem tribunas, mas odios que indubitavelmente existem.

Como se chamam?

Isso não interessa aos inglezes.

São odios domesticos, odios de familia, que um dia hão de ser liquidados como todos os odios—em familia.

O que lhes interessa saber é que, entre outros, um existe que se chama Inglaterra.

Esse é o odio historico, o odio inspirador. A sua genese tem seculos; o seu apparecimento tem dias. Por isso elle é forte, porque teve uma longa gestação.

O odio á Inglaterra transformou-se n'um senti

mento publico. Hoje é elle que nos guia.—Não é um odio, é um ideal.

Os francezes põem como preço do seu odio a Alsacia e a Lorena.

Nôs não queremos tanto. O que cahe em mãos de inglezes não torna por principio algum a ser restituido. Não queremos a independencia de Moçambique, onde se introduziram á força, como não exigimos a restituição dos districtos mineiros que nos roubaram, ameaçando-nos com os canhões da *Enchantress*. O que reclamamos d'esse paiz egoista e sem coração é que veja em nós um inimigo, fraco muito embora, mas tão irreconciliavel como o pode ser aquelle que o é com todas as revoltas da sua fraqueza. Não o odiamos apenas porque nos offendeu; odiamol-o porque offendeu o Direito, em nós, mais do que em nenhum povo, sagrado, porque é o Direito que se fundamenta no genio de uma das raças mais admiravelmente dotadas que tem existido sobre a terra.

Não se illudam pois os inglezes ácerca dos sentimentos que nos insplram. Estando em Portugal estão em paiz inimigo...

O poder, o governo tem-n'os acarinhado, procuram visivelmente captal-os. Não se illudam. O rei é allemão. O poder chama-se Hintze e Hintze não é Portugal—é a imbecilidade humana. Soveral não é portuguez. E' de toda a parte. E' internacional como a propria aventura politica que representa. Em França chama-se-lhe *rastaqouére*. e ser *rastaqouére* conduz a tudo—á policia e ao poder a Mazas e á gloria. O resto não se define. E' figuração. Vae a toda a parte onde se coma e se beba e tem sempre uma casaca ou uma farda prompta para apparecer onde quer que os requisitem. São as comparsas da infamia.

Não se iludam os inglezes.—Os individuos que lhes tem apparecido a sollicitar-lhes apertos de mão ao portaló dos seus navios, não são portuguezes.

Os portuguezes dignos d'este nome estão em casa e esperam.

João Chagas

O intendente da policia de Lisboa intimou em nome do governo, o director do *Paiz*, a não dizer o que pensa da Inglaterra, emquanto a esquadra ingleza estiver em Lisboa.

Voltamos ao regimen do juiz privativo. Simplesmente, d'esta vez o juiz exerce a sua jurisdicção sobre portuguezes.

N'estas condições, o que esperamos é que a verba da intendencia corra por conta da Inglaterra.

Se é ella que a tem, ella que a pague.

Diz-me alguem:

—Mas isto é uma infamia, deve-se protestar.

Resposta minha:

—Cala-te, consciencia inquieta, contra estas coisas protesta-se por junto.

*
* *

Na imprensa portugueza levantam-se vozes dizendo o poder da Inglaterra e os beneficios da alliança ingleza.

Diz-me outro:

—Mas isto é o cumulo da indignidade; deve-se castigar.

Resposta minha:

—Cala-te alma ingenua. Não vês que estão a ganhar a sua vida?

—Mas em França...

—Sim, é certo. Em França não ficaria pedra sobre pedra. Mas... não estamos em França.

*
* *

O Soveral felicita o principe de Galles (o da

AO SR. MINISTRO DE INGLATERRA

O que nós não podemos recordar aos inglezes

camuécas) por este haver ganho o premio do Derby.

Outra voz:

—Parece de proposito!

A Minha voz:

—Não parece. É. É o proposito de bem servir. Chama-se em francez: *Zèle* E'. o *trop de zéle* dos creados de servir. Sempre deitam graxa de mais.

IVAN.

BONS TEMPOS!

(O Marquez de Pombal e os inglezes)

Para que Hintz e Ribeiro leia:

Carta que o Marquez de Pombal dirigiu a Lord Chatam:

«Eu sei que o vosso gabinete tem tomado um imperio sobre o nosso; mas sei tambem que já é tempo de o acabar. Se meus predecessores tiveram a fraqueza de vos conceder tudo quanto querieis, eu nunca vos concederei senão o que devo. É esta a minha ultima resolução; regulai-vos por ella.

2.ª carta:

Eu rogo a v, ex.ª que me não faça lembrar das condescendencias que o governo portuguez ha tido com o Governo Britannico; ellas são taes que não sei que potencia alguma as haja tido semilhantes com outra. Era justo que essa authoridade acabasse alguma vez, e que fizessemos ver a toda a Europa que tinhamos sacudido um jugo extrangeiro. Não podemos melhor provar do que pedindo ao vosso governo uma cabal satisfação, que por nenhum direito nos deve negar. A França nos consideraria no estado de maior fraqueza se lhe não dessemos alguma razão do estrago que soffreu a sua Esquadra em as nossas costas maritimas (1759), onde, por todos os principios, se deria julgar com segurança.

3.ª carta:

Vós fazièis bem pequena figura na Europa, quando nos já a faziamos mui grande; vossa Ilha apenas formava um pequeno ponto sobre a carta geographica, ao passo que Portugal quasi a enchia com o seu nome. Nós dominavamos em Asia, Africa, e America, e entretanto vós não dominaveis senão em uma pobre Ilha da Europa.

. . . . . .

Muito melhor podemos nós passar sem vós, do que vós podeis passar sem nós: uma só lei póde transtornar vosso imperio. Não temos mais que prohibir com pena de morte a sahida do nosso ouro; elle não sahirá, Verdade é que a isto podeis responder-me que apezar de todas as prohibicões, elle sempre sahirá como tem sahido, porque vossos Navios de guerra tem o previlegio de não serem revistados na sua sahida; mas não vos enganteis com isso. Se eu fiz com que se degolasse um Duque de Aveiro, porque attentou contra a vida d'El-Rei, mais facilmente farei enforcar um dos nossos capitães, por levar sua Effigie contra o determinado qor lei.

Vós sabeis que Cromwell em qualidade de Crotector da Republica Ingleza, fez morrer o irmão do Embaixador d'El-Rei Fidelissimo: sem ser Cromwell, eu me sinto tambem com poder de imitar o seu exemplo, em qualidade de Ministro de Portugal, Fazei logo o que deveis, que eu não farei tudo quanto posso.

Supplemento ao n.º 18

Ann-I Lisboa, 8 de junho 1896 Numero 13

Caricaturas de Celso Herminio—Chronica de João Chagas

Não póde apparecer o n.º 18 d'O BERRO por ter sido aprehendido pela policia.

Por ordem superior, este semanario não se publica, emquanto permanecer em Lisdoa a esquadra ingleza.

(Gratuito)

O CASO UNICO DA SEMANA

O patriotismo, como o comprehendem certos patriotas

Typographia Guedes

Esta casa recentemente aberta, e montada com o maximo gosto e escrupulo, está devidamente habilitada para a melhor execução de trabalhos do commercio, jornaes de toda a especie, livros simples e de luxo, impressões a côres, etc.

64, Arco do Bandeira, 70

Galeria Monaco

ROCIO

Illustrações
Jornaes
Livros
Tabacos
E... TUDO

ASSIGNATURAS

Continente e ilhas

Anno	1$000
Semestre	$500
Trimestre	$250

Africa

Anno	2$000

Paizes fóra da convenção postal

Anno	4$500

Brazil

Anno	10$000

ANNUNCIOS

Linha	20
Repetidos, por contracto.	

TYP. GUEDES
ARCO DO BANDEIRA, 64 A 70
LISBOA

Toda a correspondencia dirigida ao administrador Joaquim de Meira Souza, Rua dos Fanqueiros, 262, sobre-loja—Editor, Paulo da Fonseca.

BIBLIOTECAS MUNICIPAIS DE LISBOA